

Fazenda da Tartária

José Antônio de Ávila Sacramento

Na manhã de 28 de julho de 2011, João Bosco de Castro Teixeira, Oyama de Alencar Ramalho e eu rumamos para o Município de Santo Antônio do Amparo-MG¹, com destino para a Fazenda da Tartária. No trajeto, fizemos breve pausa para um cortejo automotivo pelas ruas principais de Morro do Ferro, o mais antigo distrito de Oliveira-MG (de cerca de 1765), cujo nome primitivo era “Serra do Sal”, depois denominado “São João Batista”, e que desde 1943 tem o nome atual, em razão das jazidas de minério de ferro situadas na Serra dos Alemães.

De Morro do Ferro, seguimos no rumo certo da sede da Fazenda da Tartária. O local pertenceu ao Cap. Henrique Ribeiro da Silva Castro, avô de Castro Teixeira, o nosso guia na expedição. Chegando à propriedade, Maria Lúcia Vivas de Castro, esposa de Max Zeringota de Castro, honrando a afamada hospitalidade mineira, com o neto dela no colo, recebeu-nos alegremente ainda do lado externo da sede, onde, no interior do pátio murado, extenso gramado e bem cuidado jardim anunciam a histórica e imponente sede da fazenda.

Cumpridas as apresentações e as reverências de praxe, galgamos por uma escada até alcançarmos extenso avarandado, onde, num dos venerandos pilares de madeira que sustentam a estrutura da casa, um trabalho executado em ferro forjado, com letras marteladas em bigorna, chamou a atenção dos visitantes: a peça traz o nome da fazenda, as iniciais SAA (Santo Antônio do Amparo), a sigla MG (Estado de Minas Gerais) e a letra B (de Brasil)².

¹ “Em 1764, na decadência da mineração de ouro, o imigrante português, Manoel Ferreira Carneiro, exímio canoeiro, mascate em São João del-Rei, com aguçado tirocínio comercial, trocou de ramo para tornar-se proprietário rural, nas barrancas do Rio Grande, no Campo das Vertentes, que ele tanto percorria navegando, mascateando, e recebera a alcunha de *Jangada*. Fácil é entender: nascido no pequeno Portugal, na Freguesia de São Cristóvão de Refogos, Bispado do Porto, *Jangada*, foi atraído pelas extensas e verdejantes plagas para, em 1778, fixar-se com familiares e serviçais no povoado que fundaria. Estava implantado o arraial de Santo Antônio do Amparo, às margens do Ribeirão do Amparo em terras de sesmaria detrás da Serra Negra da velha Ibituruna, na antiga Comarca do Rio das Mortes, estendida para mais ouro na Capitania de Minas, desmembrada da de São Paulo (o inventário do imigrante Manoel Ferreira Carneiro acha-se no Arquivo do SPHAN de São João del-Rei - caixa 539). Santo Antônio do Amparo ostenta o slogan *No Sul das Gerais, a Terra dos Cafezais*, destaque que se deve à Fazenda da Lagoa, origem de sete gerações, que já se chamou Três Irmãos e Fazenda do Campo, ocupando gleba que se estenderia pelos atuais municípios de Santo Antônio do Amparo, Perdões, Bom Sucesso, Oliveira, Santana do Jacaré e Campo Belo. A carta oficial da tradicional propriedade foi assinada por Luís Diogo da Silva, Governador e Capitão General da Capitania de Minas Gerais e pelo Secretário de Governo, poeta e futuro inconfidente, Cláudio Manoel da Costa. Dos cafeeiros do Rio de Janeiro (Corcovado), novamente, se originaram as primeiras plantações da Zona da Mata e Sul de Minas, impondo derrubada de matas, abrindo estradas, fixando povoações e criando riqueza. Por volta de 1867, o capitão José Pedro Ferreira, descendente do *Jangada*, seria o pioneiro no plantio de café na região. Na Fazenda da Lagoa a cafeicultura tomaria grande impulso. Depois de pertencer à mesma família por 235 anos, foi adquirida pelo poderoso grupo alemão de Hamburgo Neumann Kaffe Grupp (NKG), incorporada pela NKG Fazendas Brasileiras Ltda. Em 2003, segundo Stephan Johannes Zuick, a empresa compradora plantaria mais de cinco milhões de pés de café, até atingir uma produção jamais sonhada de 50 mil sacas anuais! Em Santo Antônio do Amparo, hoje, se vende café de exportação da variedade Novo Mundo, tipo cereja descascado, torra média, apresentado pela *Minas Estate Coffe Group – Café gourmet 100% arábica*”. Nota: Estas informações aqui expostas foram disponibilizadas pelo confrade do IHG de São João del-Rei, Messias Neves, que possui fazenda de produção de café em Santo Antônio do Amparo.

² Veja foto desse trabalho em: http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_noticia&id_noticia=1710&id=3

Dependurado naquele madeirame, acima das inscrições, há um antigo sino de bronze³, peça que em outros tempos funcionava como eficiente forma de comunicação sonora; na antiga Tartária morava mais de 30 famílias de agregados; assim, a vida era bastante disciplinada: as atividades educativas, religiosas, laborativas, de descanso e/ou de lazer eram rigidamente reguladas pelas badaladas daquele sino!

Admirados com o que víamos, adentramos na imensa sede da histórica propriedade... Antes de conhecermos melhor os seus detalhes arquitetônicos, o mobiliário e a grande variedade de objetos de época, fomos gentilmente levados para saborear substancioso café mineiro; o repasto foi servido numa ampla sala que antecede a um charmoso banheiro com louças em estilo vitoriano⁴; por sobre a mesa de época coberta com elegante atoalhado estavam louças finas; havia fartura de bolos, broas, tortas, roscas, sequilhos, sucos, leite, queijo, geléias e outras coisas do gênero, tudo extraído e beneficiado na própria fazenda.

Doravante, para descrever aquele local, servir-me-ei das pesquisas da ilustre sócia correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, minha confreira Helena Teixeira Martins; estas informações estão contidas no livro “Sedes de Fazendas Mineiras – Campos das Vertentes, séculos XIX e XIX” (256 páginas, editado em 1998, pelo BDMG Cultural). Na obra, Helena Martins catalogou e descreveu 25 vivendas rurais, dedicando substancioso espaço para a Tartária: a fazenda “foi comprada pelo Cap. Carlos Ribeiro da Silva com parte da sua sede já construída. Embora não se tenha encontrado nenhuma prova documental em relação a seus primeiros proprietários nem sobre a data em que foi construída, estima-se que isso tenha sido (...) na década de 1760⁵. (...) O Arauto de Minas⁶, de 1884, durante cinco meses, sete vezes consecutivas, esse semanário apresentou, em sua quarta página o anúncio: *‘ATENÇÃO! Vende-se, no importante Município de Oliveira provincia de Minas Gerais as grandes e boas Fazendas do Bom Retiro e Tartária, bem conhecidas por sua importância, compostas de campos, cultura e mattos e a duas e quatro léguas da cidade com grandes lavouras de canna e café, sendo a plantação deste quasi toda nova. Estas Fazendas tem bonitos e bem construídos sitios, com espaçosas casas de sobrado, grandes engenho de canna e café e terreiros propios para a seca deste. Engenho de serra, senzallas, paiois, sevas, curraes cercados de pedra. Tem os engenhos todos os utensílios, com boas tachas de ferro. Vendem-se com todos os escravos, mil e trezentas rezes de muito boa qualidade, boa tropa de carga, muitos animais de sella, com dez carros ferrados e duzentos bois de carro. Tem*

³ Saiba mais detalhes sobre o sino em: http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_noticia&id_noticia=1708&id=3

⁴ Veja imagem e texto em: http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_noticia&id_noticia=1712&id=3

⁵ Aprecie foto do painel datado de 1760: http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_noticia&id_noticia=1709&id=3

⁶ O Arauto de Minas foi um jornal impresso em São João del-Rei - MG, entre os anos de 1877 e 1889.

estas fazendas todas as divisas feitas e subdivididas em pastos. Os senhores compradores dirijão-se ao annunciante nestas Fazendas. Cidade de Oliveira, 2 de fevereiro de 1884. Ass: cap. Carlos Ribeiro da S. Castro'. Apesar das qualidades apontadas no anúncio serem convincentes nenhuma das propriedades foi vendida. Havia um entrave para a compra de fazendas naquela época: a abolição dos escravos prestes a acontecer (1888). Em vários desses jornais, de 1877 a 1886, muitos proprietários rurais estavam colocando suas fazendas à venda. Posteriormente, o Cap. Henrique da Silva Castro, filho do Cap. Carlos e de sua esposa Ana Cândida, recebeu a Fazenda da Tartária como herança de seus pais, conforme está explícito nos autos do inventário do Cap. Henrique, de 1957 (Cartório do 1º de Oliveira-MG). Ele nasceu nessa fazenda em 1873 e faleceu aos 83 anos, em Oliveira. Casou-se com Maria José de Castro, Zezé, sua sobrinha, filha de Adolfo Ribeiro de Castro, filho do Cap. Carlos e Joana Felícia (primeiro matrimônio). Na descrição do montante dos bens deixados pelo Cap. Henrique, relacionam-se a casa-sede e as construções rurais que a circundam: paiol, tulha, moinho, fábrica de polvilho, casinhas para empregados, além de terras de cultura e campo com aproximadamente 400 alqueires. No tempo da escravatura, havia da Fazenda da Tartária extensa senzala, cujos alicerces ainda podem ser vistos (...) um pouco acima, num terreno em aclave. (...) A fazenda era auto-suficiente, cultivando praticamente tudo: cereais, café, mandioca (comestível e para fabricação de polvilho), frutas, hortaliças etc. Criava gado da raça Caracu, aves domésticas e carneiros. Fabricava manteiga do creme extraído do leite que, acondicionada em caixas era vendida em São João del-Rei. O soro era aproveitado para complementar a alimentação dos porcos, necessários para consumo na própria fazenda e para abastecimento dos empregados; o excedente era vendido. (...) A importância da Fazenda da Tartária, além do porte de suas atividades agropecuárias, ligava-se também ao fato de o Cap. Henrique ter sido homem de muito bom conceito, relacionado com pessoas proeminentes, por laços de parentesco ou amizade. (...) Além da instrução formal recebida por seus dez filhos e filhas fora de casa, algumas delas aprenderam também a tocar piano, violino e acordeão com um italiano chamado Rociotti Volpi que passou uma temporada naquela Fazenda. Preocupou-se o Cap. Henrique não apenas com a educação de seus filhos. Instalou na Fazenda uma escola rural, cujas primeiras professoras foram algumas de suas filhas. (...) No tempo do Cap. Henrique, a Fazenda era servida pela Estrada de Ferro Oeste de Minas, com a Estação da Tartária [foto à esquerda], localizada a



(...) No tempo do Cap. Henrique, a Fazenda era servida pela Estrada de Ferro Oeste de Minas, com a Estação da Tartária [foto à esquerda], localizada a

500m da sede. (...) O espírito religioso imperava na Fazenda da Tartária (...). A sede da Tartária **[foto abaixo]**, quanto à sua aparência externa e sistemas construtivos, assemelha-se à da Fazenda Bom Retiro, que também pertenceu ao Cap. Carlos Ribeiro da Silva. (...) Tem porão alto na parte da frente e lateral à direita e a estrutura dessa parte em pedra seca, a superior em pau-a-pique. Na parede à esquerda da casa, com alicerce menos elevado em relação ao nível do solo, aparecem pontas de barrotes sobre o baldrame à vista. Sobre eles, grossa prancha de madeira sustenta a parede externa. Os espaços entre os barrotes ficam abertos para funcionar como respiradouros, constituindo um conjunto interessante.

À vista também os esteios, frechais e cachorrada dos beirais em madeira. (...) A propriedade, atualmente, conta com pastagens em braquiária para engorda de gado. Embora com área reduzida, a Fazenda ainda é produtiva. Seus proprietários moram lá em ambiente aconchegante, que tratam de preservar com esforços e cuidados, assim como a história da Fazenda da Tartária. (...)



Seu interior apresenta aparência agradável, paredes brancas, portas e janelas em verde marrom. Ainda tem alguns móveis originais: sofá com assento, encosto de laterais tecidos em palhinha com molduras seguindo linhas do estilo Império e pernas torneadas; cadeiras estilo mineirinha; armários toscos almofadados e algumas camas em estilo Império. Na sala de entrada há o antigo telefone com manivela. Acima dele, uma tábua fixa horizontalmente na parede sustenta cabides, daqueles comuns nas fazendas coloniais. Hoje, têm penduradas neles grossas correntes usadas em carros de bois; em suas pontas, terminadas em gancho, colocaram antigos tachos de cobre, como objetos de decoração.”⁷.

Depois da visita, ainda em terras da fazenda, acompanhados por Maria Lúcia e espetacularmente “guarnecidos” pelo vôo de tucanos e a corrida ziguezagueante d’uma seriema, rumamos para o Posto Tartária, no km 627 da Rodovia Fernão Dias - BR 381, sentido SP-BH, onde, em amplo restaurante, nos esperavam para almoçar o sr. Max e outros familiares do casal. Mais uma vez fomos surpreendidos com a requintada culinária mineira exposta sobre amplo fogão a lenha. Fartamo-nos! Deixamos o local lá pela segunda hora da tarde; por sugestão de João Bosco, rumamos com destino a Oliveira⁸, onde tivemos oportunidade de rever rapidamente a terra natal dele, não sem algum tempinho para degustarmos e adquirirmos as afamadas Balas e Caramelos Santa Rita (da antiga fábrica dos Baptista de Almeida).

⁷ Veja foto dos tachos em: http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_noticia&id_noticia=1706&id=3

⁸ Saiba mais sobre Oliveira em: http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_noticia&id_noticia=1705&id=3

José Antônio de Ávila Sacramento
www.patriamineira.com.br

Conhecer a sede da Fazenda da Tartária proporcionou-nos encantamentos vários: a tranqüilidade da roça, o contato com a natureza, os casos e causos e a rica história daquela região tornaram-se muito mais do que mera recreação. Foi, na verdade, uma releitura da rica história rural mineira e brasileira que habita o Campo das Vertentes; decerto que a visita afetou a sensibilidade romanesca de João Bosco de Castro Teixeira, que, como sabemos, por lá passou belos dias da infância e adolescência.

Uma breve amostra do encantamento daquelas plagas pode ser evidenciada na canção “As Moças” (gravada pelo grupo musical “Boca Livre”, composição de Zé Renato / Juca Filho). Vejamos a letra: “Uma casa antiga e um pé de flor na porta / E os meninos soltos pelo laranjal / Mariana e Gabriela, dois sorrisos / Timidez guardada em renda e chita azul / Alecrim, manjericão, camélia, flor e flor / Meigamente Mariana espera seu amor / Manga-rosa, carambola, jambo, fruto bom / Gabriela meigamente inquieta floração / Uma casa antiga assim como a Tartária / E os meninos soltos pelo mundo seu / Dois sorrisos Gabriela e Mariana / Doçura guardada em renda de algodão / Manga-rosa, carambola, jambo, fruto e flor / Meigamente Mariana esconde seu sabor / Alecrim, manjericão, camélia, floração / Gabriela meigamente, inquieto coração / Uma casa antiga, alegre e avarandada / Guarda seus meninos, corpo protetor / Mariana e Gabriela agora dormem / Feito num quintal repousam, fruto e flor.”.



João Bosco de Castro Teixeira, Oyama de Alencar Ramalho e Maria Lúcia Vivas de Castro – Varanda da Fazenda da Tartária, em 28 de julho de 2011.

(Foto de José Antônio de Ávila Sacramento)

*Este texto foi publicado originalmente, de forma reduzida, no **Jornal de Minas** (São João del-Rei - MG, ano XI, edição 160, de 26/08 a 01/09/2011, p.2).*

São João del-Rei – Minas Gerais - Brasil